

RESENHA

Os porquês de “Por que Lukács?”

Gabriella Segantini*

TERTULIAN, Nicolas. *Por que Lukács?*. Tradução de Juarez Torres Duayer; revisão técnica de Ester Vaisman. São Paulo: Editora Boitempo, 2023. 351 p.

Em “Por que Lukács?”, Nicolas Tertulian nos oferece, a partir de sua autobiografia intelectual, fundamental estudo retrospectivo de sua frutífera relação com a obra e o pensamento do filósofo húngaro György Lukács. O livro trata em toda sua extensão dessa provocativa questão que lhe dá nome: “por que Lukács?”, esclarecendo ao leitor as razões pelas quais Tertulian se dedicou tanto à obra e ao pensamento de Lukács, trabalhando arduamente em prol de sua divulgação, bem como da recuperação de Lukács e sua filosofia do ostracismo intelectual do qual foi alvo nos países do Leste Europeu. *Por que Lukács?* dedica-se também à recuperação das razões pelas quais a obra de Lukács ocuparia (e ainda ocupa) lugar de relevância no contexto do marxismo, oferecendo-nos um poderoso antídoto contra a degeneração e vulgarização sofrida pelo marxismo nas mãos dos regimes do assim chamado socialismo real. Tertulian nos mostra ainda algumas das razões pelas quais Lukács foi durante sua vida (e até mesmo na morte) tão vilipendiado no Leste acusado tanto de revisionismo e dissidência, e no Oeste de dogmatismo exacerbado e de conciliação e capitulação em relação ao stalinismo.

Respondendo à questão que tem por título, o livro de Tertulian acaba por elaborar um retrato essencial da vida intelectual nos países do Leste submetidos ao chamado ‘socialismo real’. As experiências de Tertulian na Romênia oferecem um relato de primeira mão sobre a vida nos países do “socialismo real” (dentre os quais a

* Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gabriella.segantini.souza@gmail.com.

Romênia é um caso especial e eloquente dos efeitos da deturpação staliniana das ideias de Marx), assim como o fazem as experiências de Lukács nos países do Leste incluindo a própria União Soviética. Narrando as vexações e perseguições sofridas por ele na Romênia e por Lukács na Hungria e na União Soviética, Tertulian mostra a situação de intelectuais que buscavam o verdadeiro Marx em meio à maré montante do “marxismo” oficial — uma situação que era, como dizia Lukács, semelhante à dos primeiros cristãos de Roma, forçados a viver nas catacumbas.

A narrativa biográfica de Tertulian nos conta sobre o seu percurso da Romênia desde o fascismo de 1938 a 1944, o começo do regime ‘socialista’ romeno até a virada nacionalista entre as décadas de 60 e 70 da ditadura de Ceaușescu (1965-1989). Durante o período fascista na Romênia, Tertulian, de família judaica em um país de fortes tradições antissemitas, foi forçado a usar a estrela amarela e a abandonar seus estudos no liceu. Em poucos anos, o *pogrom* de Iasi (cidade natal de Tertulian) levou à morte de mais de 10 mil judeus, condensando “os traços mais sórdidos e repugnantes de uma conduta e de uma mentalidade forjadas durante os anos de propaganda nacionalista” (Tertulian, 2023, p. 28). Testemunha desses acontecimentos brutais, Tertulian conta como ficaria marcado por esses eventos pelo resto da vida, nunca tendo deixado de buscar as razões que possibilitaram a barbárie fascista. Trata-se inclusive uma das origens da atração do romeno pelo pensamento de Lukács, pois viu em Lukács um dos intelectuais europeus que mais se dedicou a compreender e elucidar as origens ideológicas do nacional-socialismo e do fascismo de forma geral.

O fim da ditadura de Ion Antonescu e o começo da instalação no poder do Partido Comunista foram recebidos, inicialmente, com alívio por grande parte dos romenos. Depois de anos de sofrimento sob o fascismo, a população via o comunismo, que seria implementado com a ajuda da URSS, como uma fagulha de esperança e um rompimento com o passado fascista. É extremamente evocativa a passagem em que Tertulian conta sobre o alívio que ele e o pai sentiram quando, no agosto de 1944, viram a retirada dos soldados alemães e a chegada dos soviéticos. Um verdadeiro e potente impulso democrático animava os romenos depois de anos de opressão fascista, mas logo esse impulso seria confiscado pelo Partido Comunista.

Embora alguns romenos tenham se alinhado com o comunismo por puro oportunismo, grande parte da intelectualidade romena da época via com real esperança as ilusões comunistas da época. Como diz Tertulian de forma eloquente “o

fato de um ideal emancipador e universal ter sido desviado não retira nada nem da força de atração desse ideal nem das motivações daqueles que dentre nós sinceramente aderiram à causa da esquerda” (Tertulian, 2023, p. 30), sobretudo porque na época não se sabia a extensão do abismo que separava as práticas dos regimes do “socialismo real” e os ideais que declaravam serem os seus. Naquela época, os romenos desconheciam o *gulag*, a censura e a natureza repressiva e policial da vida sob o stalinismo — eram o extremo oposto daquilo que fora propugnado pelo marxismo.

No final da década de 40, Tertulian decidiu se dedicar à causa do proletariado, fazendo, segundo ele, a escolha “filosófica e ideológica” de se dedicar ao estudo de Marx e seus continuadores — entretanto, no plano político, optou por não se engajar no Partido ou na Juventude Comunista. Mas foi também nessa mesma época que ia se tornando óbvia a pressão do stalinismo sobre os intelectuais romenos, bem como a distância crescente entre “as práticas do partido e o espírito da doutrina da qual ele usurpou o nome” (Tertulian, 2023, p. 34). Foram sendo cada vez mais endurecidas a vigilância e a repressão do partido, a qual se voltara inclusive contra seus próprios partidários: militantes, intelectuais e combatentes comunistas que tiveram atuação durante a guerra foram perseguidos e reprimidos por divergências mínimas com o Partido, ou até mesmo por divergências inexistentes. Tertulian nota ainda o marcado antissemitismo das diretivas do Partido quanto aos professores das universidades, tomando medidas para melhorar a “composição nacional” do corpo docente, substituindo por “arianos puros” aqueles que eram de origem judaica.

Era dolorosamente evidente como o “espírito vivo do pensamento de Marx, seu caráter crítico, desmistificador e emancipador” (Tertulian, 2023, p. 50) foi progressivamente abandonado pelo regime romeno da época, afinal, a natureza do pensamento marxiano não só era estranha às orientações do Partido romeno, como também lhe causava receios de várias ordens. Toda a prática do regime “comunista” romeno constituía uma afronta absurda ao pensamento de Marx, que era totalmente contrário à censura, à autocracia e ao despotismo do Estado (e ao próprio Estado, na verdade).

À medida que essa dissonância entre as práticas do partido romeno e o pensamento marxiano ficava cada vez mais clara, também se tornava mais evidente a importância de autores como Lukács para aqueles que, mergulhados nas vulgarizações

e distorções do marxismo oficial do Leste, buscavam o ‘verdadeiro Marx’. Nesse sentido, Tertulian aponta como seu encontro com a obra de Lukács, que se dedicava justamente a esse projeto, não foi de forma alguma fortuito: o jovem intelectual romeno encontrou o filósofo húngaro quando buscava um “verdadeiro filósofo marxista” (Tertulian, 2023, p. 24), aquele que poderia fazê-lo sair da “pobreza intelectual que caracterizava as interpretações tão triunfalistas quanto simplistas de um pensamento que eu imaginava vivo de outra forma” (Tertulian, 2023, p. 24). Foi movido por esse desejo que Tertulian encontrou Lukács em 1954, nele conhecendo um Marx diferente daquele do “camarada Stálin, das resoluções do camarada Zhdanov ou das brochuras do esteta Kamenev” (Tertulian, 2023, p. 24), além de um marxismo que realmente propunha um real projeto de emancipação universal, em contraposição àquele socialismo “real” que sufocava o indivíduo sob o aparelho burocrático. Encontrar a obra de Lukács na década de 50 teve então sobre Tertulian um efeito que o romeno descreve como catártico, enchendo-lhe de entusiasmo.

Passados alguns anos, quando em 1964 Nicolae Ceaușescu assume o leme do regime romeno, convertendo-o em um nacionalismo linha dura que combinava com as antigas práticas stalinistas como a glorificação do “ideal comunista” e do Partido. Como nota Tertulian, apesar do fato de que o regime se reivindicasse comunista, não era possível deixar de notar a clara continuidade entre o regime de Ceaușescu com práticas da antiga extrema direita romena nacionalista, tendo em vista o apelo ao orgulho nacional e o antissemitismo que marcaram esse período terrível da história romena. O “comunismo” de Ceaușescu mostrava-se ainda mais distante do marxismo, dado seu desprezo por todo e qualquer tipo de pensamento crítico. Em razão disso, qualquer um que buscasse no próprio Marx ou em pensadores verdadeiramente marxistas soluções para a prática social romena tornava-se objeto de desconfiança e de desprezo dos ideólogos oficiais.

No período de virada nacionalista, é interessante notar a grande receptividade de parte dos intelectuais romenos ao pensamento de Heidegger, apontada por Tertulian no capítulo dedicado ao “caldeirão” ideológico romeno. Vivia-se na Romênia, na segunda metade do século XX, um clima de nacionalismo exacerbado e de proliferação de tendências de restauração, fazendo renascer ideologias conservadoras do passado romeno em um contexto de marginalização e rejeição do pensamento crítico. Tertulian sublinha a sinergia que havia naquele momento entre o “comunismo

nacional” romeno e os intelectuais que há tempos nutriam desconfiança em relação ao ocidente, de modo que a “megalomania nacionalista do regime” (Tertulian, 2023, p. 195) encontrou ali amplo substrato intelectual. Nesse contexto, o pensamento heideggeriano e sua crítica à modernidade ocidental, ao “frenesi da técnica e da razão instrumental” (Tertulian, 2023, p. 192) floresceu e certos intelectuais romenos passaram a buscar no “culto heideggeriano do Ser a salvação diante das anomalias e das malformações da civilização ocidental” (Tertulian, 2023, p. 192).

Em meio a isso, no pensamento de intelectuais como Theodor Adorno, Jean-Paul Sartre e, principalmente, Lukács, Tertulian via um poderoso antídoto contra tanto o “marxismo” distorcido do partido, quanto à tendência que se observava de rejeição da “análise lúcida das contradições da sociedade” (Tertulian, 2023, p. 191) em prol de uma “ressurreição das ideologias conservadoras, cuja moeda corrente era a crítica romântica da modernidade, com seu cortejo de representações religiosas e místicas” (Tertulian, 2023, p. 191). Em razão disso, dedicava-se à divulgação do pensamento desses autores na Romênia, tanto por meio de traduções quanto de cursos que ministrava na Faculdade de Filosofia da Universidade de Budapeste. Esse projeto de divulgação foi recebido com grande satisfação por Lukács, com quem Tertulian desenvolveu forte amizade, tendo o autor húngaro expressado em uma carta ao jovem romeno seu grande contentamento com a dedicação de Tertulian em divulgar sua obra e seu pensamento para o público romeno.

O fato de Tertulian ter conseguido publicar diversas obras de Lukács na Romênia de Ceaușescu pode parecer contraditório, mas, ironicamente, foi possibilitado justamente pela própria política do regime romeno. Buscando afirmar o nacionalismo e a independência da Romênia em relação à linha da URSS, o regime era marcado por certa tolerância na política editorial, a fim de mostrar a aparência de trilhar em um caminho distinto dos países do Pacto da Varsóvia, assegurando, assim, sua desejada “autonomia nacional”, e, o mesmo tempo, não perder o controle absoluto sobre o país, por meio de uma “ditadura do mais puro tipo neostaliniano” (Tertulian, 2023, p. 48). Todavia, ainda que a obra de Lukács fosse recebida entre os ideólogos oficiais com silêncio e desprezo, Tertulian obteve grande sucesso na publicação de várias obras de Lukács, como *O romance histórico*, *A teoria do romance*, *Para uma ontologia do ser social* e *A peculiaridade do estético*. Entretanto, não havia como defender um pensamento que não só se opusesse ao marxismo stalinista, mas também ao

nacionalismo que se expandia, sem sofrer consequências. Foi assim que em 1977 Tertulian foi ilegalmente expulso da Faculdade de Filosofia de Bucareste. E essa não seria a última vez que sofreria com as práticas do regime, sendo que até mesmo depois de Tertulian ter deixado definitivamente a Romênia pela França no começo da década de 1980, ele se viu alvo das vexações do regime de Ceaușescu (sua esposa e o filhos foram impedidos de se juntarem a ele em Paris por mais de um ano).

Além de se aproveitar da relativa abertura da Romênia para divulgar o pensamento de Lukács, Tertulian conseguiu também ter contato pessoal com autores que marcariam a história intelectual do século XX, como Theodor Adorno, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Herbert Marcuse e Pierre Bourdieu. Nesses encontros, Lukács e sua obra estavam sempre presentes nas discussões — às vezes inclusive para grande incômodo de alguns dos interlocutores de Tertulian, como Heidegger (o alemão não conseguiu esconder não só sua aversão a Lukács, mas também a Adorno e a todo pensamento dialético) —, fornecendo-nos prova da controversa recepção da obra de Lukács no Oeste. Para esses encontros, Tertulian dedica vários capítulos de *Por que Lukács?*, nos quais trata de seus contatos pessoais com esses os autores e alguns aspectos de suas obras. Contudo, esses capítulos servem sobretudo para tratar das relações desses autores com Lukács e das diversas discussões e controvérsias relacionadas à obra do filósofo húngaro, esclarecendo diversos pontos e equívocos surgidos sobre o seu pensamento. Tertulian argumenta que muitas das controvérsias em torno das posições de Lukács decorrem do fato de que seus críticos não se preocuparam em se debruçar com profundidade sobre a sua obra madura, com destaque para a *A peculiaridade do Estético* ou *Para uma Ontologia do ser social*, a fim de compreender os fundamentos filosóficos sobre os quais se assentavam as considerações do autor húngaro. Em função disso, Tertulian se propõe em *Por que Lukács?* em esclarecer alguns pontos desses debates.

Tertulian trata, por exemplo, de algumas controvérsias relacionadas a *A destruição da razão*, dadas as críticas contidas na obra a vários autores importantes da tradição filosófica alemã. As teses de Lukács em *A destruição da Razão* foram extremamente mal-recebidas por autores como Theodor Adorno e Leszek Kołakowski, indispostos com o fato de Lukács relacionar a obra de autores como Schelling, Schopenhauer, Kierkegaard, Nietzsche, Dilthey, Bergson, ou Scheler a um pensamento que, se levado aos extremos, chegaria ao nacional-socialismo. Por exemplo, Adorno

escreveu em seu ensaio *Erpreßte Versöhnung* [Uma reconciliação extorquida] que Lukács, o “dialético oficial” teria de forma não dialética agrupado todas as tendências irracionistas da história recente sob a categoria de reação e fascismo, afirmando que o que *A destruição da Razão* marcava era a destruição da razão de Lukács¹.

Até mesmo um autor mais próximo da orientação de Lukács como Ernst Bloch expressava reservas em relação a *A destruição da razão*, eis que fora muito ligado à filosofia de Schelling na juventude, e influenciado por Nicolai Hartmann, que era grande tributário de Schelling e Schopenhauer. Em uma carta a Lukács, Bloch indagava ironicamente se haveria realmente “um caminho que leve diretamente da ‘intuição intelectual’ a Hitler?” (Bloch *apud* Tertulian, 2023, p. 89), pois isso conferiria à “latrina hitleriana” um brilho desmerecido².

Tertulian traz ainda como o apelo à “razão” que Lukács traz em *A destruição da razão* atraiu muitas críticas que acusavam o filósofo húngaro de ‘logocentrismo’ e dogmatismo (isso sem falar naqueles que viram na obra uma homenagem a Stalin...). Mas como Tertulian bem nota, diversas dessas críticas e acusações derivavam-se do fato de que a razão da qual Lukács trata em *A destruição da razão* estaria implícita na obra, devendo ser buscada em obras como *O jovem Hegel*, *Para uma ontologia do ser social* e na *Estética* a fim de compreender os fundamentos ontológicos do que Lukács trata por “razão” (algo que diversos de seus críticos não fizeram). O autor romeno esclarece que longe de trazer ‘razão’ como o ‘entendimento’ kantiano, sendo que “razão” ou “racionalidade” na obra de Lukács possuem fundamento “na coesão ou na coerência das categorias, [...] em seu encadeamento rigoroso” (Tertulian, 2023, p. 94) — categorias como *Daseinsformen*, *Existenzbestimmungen* [formas de ser, determinações de existência], como colocado por Marx e reiterado por Lukács. Como esclarece o autor romeno, ao contrário do que vários dos críticos de *A destruição da razão* colocavam, Lukács não era um absolutista da razão, não submetia “o devir do real ao tribunal da razão” (Tertulian, 2023, p. 94) — expressão que Tertulian empresta

¹ Am krassesten wohl manifestierte sich in dem Buch ›Die Zerstörung der Vernunft‹ die von Lukács' eigener. Höchst undialektisch rechnete darin der approbierte Dialektiker alle irrationalistischen Strömungen der neueren Philosophie in einem Aufwaschen der Reaktion und dem Faschismus zu, ohne sich viel dabei aufzuhalten, daß in diesen Strömungen, gegenüber dem akademischen Idealismus, der Gedanke auch gegen eben jene Verdinglichung von Dasein und Denken sich sträubte, deren Kritik Lukács' eigene Sache war. (Adorno, 1973, pp. 153-154)

²Von der "intellektuellen Anschauung" geht ein gerader Weg zu Hitler? Three cheers for the little difference. Und kommt damit nicht ein höchst ungemässes Glänzen an die Fahne, besser in das Aborthaua Hitler? (Bloch, E. 1984. pp. 139-140)

de Heidegger —, na medida que Lukács ancora a razão em seu “único fundamento incontestável: o ser na multiplicidade de suas determinações” (Tertulian, 2023, p. 96).

Como lembra Tertulian, a questão do romantismo em Lukács também gerou muita controvérsia, dado que reconstruindo as origens da ideologia nacional-socialista em *A destruição da razão*, o autor húngaro atribuía ao romantismo e à sua crítica regressiva à modernidade papel central. Acerca disso, Tertulian traz importantes aspectos da crítica do autor aos românticos, como a crítica lukácsiana uso hipertrófico desse nome e as especificidades do romantismo para Lukács, aspectos que são a origem de muitas das críticas equivocadas feitas a Lukács. Tertulian aponta como Lukács recusa a abordagem que situa o romantismo no conflito entre razão e sentimento ou no privilégio da imaginação sobre o entendimento, situando-o de forma histórica.

As posições estéticas lukácsianas costumavam gerar forte desaprovação, sobretudo pela sua rejeição das obras de vanguarda, bem como da defesa de Lukács do grande realismo clássico. Por exemplo, em 1964, George Steiner escreveu um artigo sobre a Estética no qual fala em um suposto isolamento de Lukács com a arte moderna, uma crítica que Lukács mesmo contestou, afinal o autor húngaro diversas vezes argumentou sobre a permanência do ‘grande realismo’ em vários autores de seu tempo. Tratando dessas controvérsias, Tertulian traz como várias das posições estéticas de Lukács que tanto atraíram críticas de filósofos e artistas eram muito mais nuançadas do que foi atribuído, sugerindo que ao invés de serem indícios de um dogmatismo ultrapassado da parte de Lukács, seriam posições fundamentadas em uma compreensão da história que possui lógica e coerência.

É conhecida também a controvérsia entre Lukács e Adorno sobre as vanguardas, eis que nelas Lukács via uma forte regressão em relação aos autores realistas do século XIX, marcada por uma perda de substância humana, ao passo que o fundador da Escola de Frankfurt apreciava enormemente, por exemplo, as inovações de forma do teatro de Strindberg em detrimento do teatro de Górkis³. Mas como conta Tertulian de uma ocasião em que discutiam algumas obras literárias, Lukács se dizia “o menos

³ Daß Strindberg die bürgerlich-emanzipatorischen Intentionen Ibsens repressiv auf den Kopf stellte, ist evident. Andererseits sind seine formalen Innovationen, die Auflösung des dramatischen Realismus und die Rekonstruktion traumhafter Erfahrung, objektiv kritisch. Den Übergang der Gesellschaft zum Grauen bezeugen sie authentischer als die tapfersten Anklagen Gorkis. (Adorno, 1970, p. 353)

lukácsiano de todos os seus discípulos” (Lukács *apud.* Tertulian, 2023, p. 252), importando para ele os critérios do julgamento estético e as questões de princípio, isto é, a conexão entre a estrutura estética das obras e a “visão de mundo” que lhes subjazem, não tanto suas visões quanto a obras específicas ou autores, as quais estaria sempre ponto a mudar.

Tertulian também trata de uma das principais controvérsias envolvendo Lukács, a saber, suas relações com o stalinismo. O autor romeno trata das acusações dos muitos críticos de Lukács que denunciavam a obra madura do filósofo húngaro como stalinista, algo que marca principalmente os críticos trotskistas de Lukács, que pareciam nunca terem conseguido processar as duras críticas lukácsianas à corrente fundada por Trotski. Tertulian ilustra suas considerações com as críticas de Isaac Deutscher a Lukács, que tratava o período posterior à publicação de *História e Consciência de Classe* como uma renúncia de Lukács de suas posições revolucionárias da juventude e uma submissão, ainda que sutilmente, aos “cânones do ‘stalinismo’” (Tertulian, 2023, p. 103). O autor da biografia de Trotski via ainda no apreço de Lukács à obra de Mann uma evidência da “estética conservadora” de Lukács e seu compromisso com os valores burgueses, bem como um alinhamento à linha staliniana de conciliação com as forças burguesas, reduzindo-o a “um grande crítico literário staliniano” (Tertulian, 2023, p. 103), ignorando completamente como a defesa de Lukács do “grande realismo” se opunha diretamente às práticas stalinianas de manipulação da arte, bem como a forma como Lukács foi atacado e isolado pelos ideólogos soviéticos da política cultural staliniana.

Tertulian também desafia a tese de Michel Löwy segundo a qual o elogio prestado por Lukács ao “realismo hegeliano” na contraposição entre Fichte e Hegel — em que o primeiro se mantém confinado nas ilusões jacobinas de seu primeiro período, ao passo que o segundo avança em direção à uma “reconciliação com a realidade”, a fim de enfrentar a realidade pós-revolucionária da sociedade burguesa, ao invés de manter a nostalgia pela restauração da polis grega que marcou seu período de Berna — indicaria uma reconciliação por parte do autor húngaro em relação à realidade do stalinismo, uma conciliação com a prosaica realidade pós-revolucionária (cf. LÖWY, 1998, pp. 235-236). O filósofo romeno contesta fortemente a ideia desses autores segundo a qual o distanciamento de Lukács em relação ao utopismo que marcou *História e Consciência de Classe* e sua assimilação do “realismo hegeliano” não significou uma submissão à realidade do Termidor staliniano.

Tertulian rechaça ainda a ideia de que *O Jovem Hegel* seria uma alegoria para o caminho de Lukács na Rússia de Stalin, vindo na apologia lukácsiana ao realismo de Hegel, isto é, sua reconciliação com o Termidor pós-revolucionário, uma tentativa de legitimar o alinhamento de Lukács ao Termidor staliniano. Essa foi a posição defendida por Lucien Goldmann, que via no elogio de Lukács ao napoleonismo de Hegel uma justificativa implícita da ditadura de Stalin. Tertulian busca mostrar como que, apesar do apoio de Lukács em 1926 à via staliniana em detrimento à de Trotsky, um abismo separa o pensamento lukácsiano e os esquemas do marxismo stalinista, remarcando no que concerne as análises de Hegel feitas por Lukács, Tertulian indaga “qual staliniano teria sido capaz de uma reflexão tão fina sobre a ‘tragédia na ética’” (Tertulian, 2023, p. 224). O autor de *Por que Lukács?* nota ainda como durante a publicação de *O jovem Hegel*, Hegel já havia sido anatemizado por Zhdanov por supostamente representar a reação da aristocracia contra o espírito da Revolução Francesa, representando em sua forma mais pura o stalinismo e sua tendência de manipulação da filosofia como instrumento de propaganda manipular. Há de fato passagens em *O Jovem Hegel* com menções positivas a Stalin, como Tertulian não pôde deixar de trazer, mas elas devem ser lidas como meras concessões de caráter ‘protocolar’ ao regime, sendo que uma leitura minimamente atenta da obra de Lukács sobre Hegel mostra como ela se situa na antípoda dos dogmas oficiais do stalinismo.

Tertulian trata ainda sobre o famoso “Caso Naphta”, emblemático da imagem que se pintava de Lukács no Ocidente. O “Caso Naphta” refere-se à tese de alguns intérpretes segundo a qual Lukács teria servido de modelo para Thomas Mann criar Léo Naphta em *A montanha mágica*, tentando traçar uma relação direta entre as teorias de Naphta, que misturavam desde doutrina comunista ao pensamento místico medieval. Autores como Yvon Bourdet consideravam que Naphta personificaria uma conjunção entre o intelectual comunista de tipo “leninista-staliniano” subserviente aos dogmas de seu partido e o fanático medieval, proponente da submissão do pensamento à Igreja e aos dogmas religiosos (cf. Bourdet, 1972). Transformando Lukács no modelo a partir do qual Mann criou Naphta, fazia-se um retrato de Lukács a partir de Naphta, pintando o húngaro como “um protótipo do intelectual sectário, fanático, porta-voz por excelência de uma doutrina totalitária” (Tertulian, 2023, p. 76). Tertulian considerava que essa aproximação fazia parte da “guerra fria” contra Lukács e seu pensamento, possuindo um caráter ideológico disfarçado, não só se transformando Lukács em um símbolo do “descaminho totalitário do pensamento”

(Tertulian, 2023, p. 76), mas também totalmente ignorando o humanismo de influência hegeliana e marxista que eram fundamentais para o pensamento de Lukács.

À essa aproximação inclusive o próprio Thomas Mann se opôs duramente quando tomou conhecimento do fato de que havia se tornado comum entre seus intérpretes ver em Naphta um retrato de Lukács, inclusive porque o escritor alemão possuía grande apreço pelo filósofo húngaro. Depois de ler um artigo de Georg Gerster defendendo a suposta filiação Naphta-Lukács, Mann teria se irritado a ponto de considerar escrever uma réplica, desaprovando de forma absoluta o uso de seu livro para pintar tal retrato de Lukács. Contudo, ainda que o próprio Mann desaprovasse a ideia de uma filiação entre Lukács e Naphta, essa leitura continuou se proliferando enquanto a verdadeira relação entre Mann e Lukács ficou oculta⁴.

Ao longo de todo o livro, Tertulian busca se contrapor àqueles que acusavam Lukács de conformismo e de capitulação diante dos dogmas do partido, mostrando como as últimas obras de Lukács dedicavam-se à uma crítica contínua às distorção e simplificação do pensamento marxiano. Por exemplo, as famosas autocríticas de Lukács sobre a obra da juventude e seu afastamento em relação a *História e Consciência de Classe* — muito exploradas pelos críticos e detratores do húngaro —, Tertulian mostra que, como o próprio Lukács esclareceu, o filósofo húngaro foi movido por uma “necessidade tática” de não se deixar ser acusado pelos partidários do regime oficial por seus erros, em uma concessão necessária da parte de um intelectual para que pudesse continuar a exercer suas atividades na “longa noite” staliniana e poder prosseguir com seu combate dentro do movimento. Entretanto, Lukács também afirmou que foi com sinceridade e sem hipocrisia alguma que se afastou das teses desenvolvidas na juventude e do que considerava como os maiores erros filosóficos ali contidos.

Não podemos nos esquecer ainda dos impactos da participação de Lukács nos eventos de 1956 na Hungria. Além de ter sido preso por sua participação no movimento de 56, principalmente em razão de suas conferências e suas intervenções no Círculo Petoffi, nas quais Lukács fazia duras críticas ao stalinismo e à desvirtuação

⁴ Por exemplo, os textos de Daniel Bell sobre Lukács, que tiveram grande audiência nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França, tentavam iluminar Lukács a partir de Naphta, no intento de mostrar que a “dialética perversa”, o fanatismo, o obscurantismo de Naphta tinham sua origem na fisionomia de Lukács (cf. Kadarkay, 1991).

do marxismo pelo partido, Lukács foi vítima de um severo ostracismo intelectual e político. Lukács se tornou o “símbolo do destino reservado a um pensamento autenticamente marxista pela burocracia reinante nos partidos comunistas no poder” (Tertulian, 2023, p. 44) e a simples menção ao nome do intelectual húngaro provocava comentários virulentos por parte dos ideólogos oficiais, inclusive alguns expressando descontentamento em relação ao fato de Lukács não ter sido executado por sua participação no movimento húngaro de 56. Lukács havia se tornado a personificação do espírito do círculo Petoffi e foi considerado o grande iniciador das contestações ideológicas ao partido, de tal modo que se tornou objeto de todo o rancor e medo que o levante húngaro havia gerado nos dirigentes partidários do leste europeu. Evidência disso é como pela simples associação com Lukács, Tertulian tornou-se também alvo da ira que tinham os marxistas stalinianos pelo filósofo húngaro.

Em virtude dessas tensões com a ideologia reinante no Leste, Lukács foi tachado de “dissidente”, assim como os outros (poucos) intelectuais que, como ele, “buscavam no pensamento de Marx o fermento da resistência contra o que aparecia como um desvio patológico de seu pensamento” (Tertulian, 2023, p. 23). É interessante notar que, como bem coloca Tertulian, nenhum desses intelectuais eram realmente dissidentes, ao menos não no sentido clássico do termo, vez que não questionavam o pensamento de Marx em si, apenas a interpretação que lhe foi dada pelos regimes do ‘socialismo real’, preconizando a crítica dos esquematismos reducionistas do stalinismo e uma reforma radical do pensamento corrente em prol de uma reflexão mais profunda e fiel à teoria marxiana.

Apesar dos vários tormentos que afetaram sua vida, desde a prisão e exílio até o ostracismo acadêmico, mencionados aqui apenas *en passant*, podemos dizer que, parafraseando o filósofo húngaro, Lukács sempre viveu sob a recusa de continuar a contribuir com sua própria alienação, ainda que isso significasse para ele um fim trágico. Como escreveu Lukács, citando Lutero, a József Révai, seu ex-discípulo que se tornou seu promotor no “caso Lukács”, “Hier steh ich, ich kann nicht anders” [*Aqui estou eu. Não posso agir de outra maneira*] (Lukács apud Tertulian, 2023, p. 325).

Fato é que, como Tertulian aponta, nos vários textos de Lukács publicados depois de 56 (data do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e do Relatório Kruschev) era marcante como o autor húngaro expressava a necessidade imprescindível para uma regeneração do socialismo de um acerto de contas

intransigente com o stalinismo, projeto ao qual Lukács dedicou os últimos dez anos de sua vida. Lukács “estava convencido de que, sem tal esclarecimento destinado a especificar as categorias que estruturaram esse pensamento, a esquerda se encontraria desarmada nos grandes confrontos ideológicos da época” (Tertulian, 2023, p. 322). A *Ontologia* e a *Estética* são produtos desse projeto lukácsiano, inspirado pela convicção de que o pensamento marxiano não se confinava na economia ou em uma teoria da sociedade, possuindo uma vocação universal. Esses textos são marcados pelo rompimento de Lukács com o marxismo stalinista e seus esquemas deterministas e teleológicos, no que Tertulian se refere por um “retorno à grande tradição do pensamento especulativo” (Tertulian, 2023, p. 55).

A renovada interpretação de Marx de Lukács traz o gênero humano em sua historicidade e em sua universalidade como único sujeito da história, desmitologizando o proletariado como o sujeito-objeto idêntico da história trazido em *História e Consciência de Classe* e indo contra o sectarismo do marxismo oficial de sua época. Tertulian nota ainda como o “último Lukács” tampouco não hesitou em buscar contribuições a seu pensamento nos trabalhos de intelectuais não marxistas, como Nicolai Hartmann, Arnold Gehler, Werner Jaeger, Charles Wright Mills, David Riesman, William H. Whyte e John Galbraith, indo em sentido oposto à arrogante (e suposta) autossuficiência do pensamento stalinista e zhdanovista.

Por exemplo, ainda que não poupasse críticas ao pensamento de Hartmann⁵, Lukács amparou-se no antiteleologismo de Hartmann na busca de desmistificar o necessitarismo e providencialismo do marxismo oficial, que tomava o socialismo não como uma possibilidade, mas como momento inevitável da história humana, além de combater o monolitismo staliniano, que assumia a via soviética como absoluta. Assim, com Lukács, Tertulian afirma que o marxismo do século XX deixa de ser uma “simples ideologia de legitimação, destinada a justificar a política dos partidos no poder” (Tertulian, 2023, p. 59) para se afirmar como “uma ontologia crítica, chamada a interrogar as relações complexas entre a economia, direito, política e ética, o estatuto da ideologia, a dialética da alienação e da desalienação” (Tertulian, 2023, p. 60).

Assim, em *Por que Lukács?* — e, em verdade de todo o trabalho fundamental desenvolvido por Nicolas Tertulian de trazer o pensamento de Lukács das sombras em

⁵ Ver o capítulo II do volume I *Para uma Ontologia do ser social*.

que foi jogado por seus críticos e detratores, a fim de mostrar Lukács em sua verdadeira feição intelectual — temos um livro importante para aqueles que desejam conhecer a obra de Lukács sem os preconceitos que circundam a obra do autor húngaro.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. “Erpreßte Versöhnung”. In. *Notes zur Literatur 2*. Frankfurt am Main: Editora Suhkamp, 1973
- ADORNO, T. *Ästhetische Theorie*. Frankfurt am Main: Editora Suhkamp, 1970
- BLOCH, E. & LUKÁCS, G. *Ernst Bloch und Georg Lukács: Dokumenten zum 100. Geburtstag*. Budapeste: Archivum Lukács, 1984
- BOURDET, Y. *Figures de Lukács*. Paris: Éditions Anthropos, 1972
- KADARKAY, A. *Georg Lukács: life, thought and politics*. Cambridge, Oxford: Editora Basil Blackwell, 1991
- KOLAKOWSKI, L. *Main currents of marxism: its origins, growth and dissolution*. Volume III: The Breakdown. Oxford: Clarendon Press, 1978
- LÖWY, M. *A Evolução política de Lukács (1909-1929)*. São Paulo: Editora Cortez, 1998
- LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*. Volume I. São Paulo: Editora Boitempo, 2012
- TERTULIAN, N. *Por que Lukács?* São Paulo: Editora Boitempo, 2023

Como citar:

SEGANTINI, Gabriella. Os porquês de “Por que Lukács?”, *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 28, n. 2, pp. 429-442; jul-dez, 2023.